

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA  
2 e 9 de Fevereiro de 2022

# IT'S ALWAYS FAIR WEATHER / 1955

*(Dançando nas Nuvens)*

um filme de Stanley Donen e Gene Kelly

**Realização e Coreografias:** Stanley Donen e Gene Kelly / **Argumento:** Betty Comden, Adolph Green / **Fotografia:** Robert Bronner / **Efeitos Especiais:** Warren Newcombe, Irving G. Ries / **Montagem:** Adrienne Fazan / **Direcção Artística:** Cedric Gibbons, Arthur Lonergan / **Cenários:** Edwin B. Willis, Hugh Hunt / **Guarda-Roupa:** Helen Rose / **Direcção Musical e Orquestração:** Andre Previn / **Som:** Wesley C. Miller / **Canções:** "Baby, You Knock Me Out", "Blue Danube", "I Like Myself", "March, March", "Once I Had a Friend", "Situation Wise", "Stillman's Gym", "Thanks a Lot but No Thanks", "Time for Parting", música de Andre Previn e letras de Betty Comden, Adolph Green, "Music Is Better Than Words", música de Andre Previn, Roger Edens e letras de Betty Comden, Adolph Green / **Interpretação:** Gene Kelly (Ted Riley), Dan Dailey (Doug Hallerton), Cyd Charisse (Jackie Leighton), Dolores Gray (Madeline Bradville), Michael Kidd (Angie Valentine), David Burns (Tim), Jay O. Flippen (Charles Z. Culloran), Steve Mitchell (Kid Mariacchi), Hal March (Rocky Heldou), Paul Moxie (Sr. Fielding), Peter Leeds (Sr. Trasker), Alex Gerry (Sr. Stamper), Madge Blake (Sra. Stamper), Wilson Wood (Roy), Richard Simmons (Sr. Grigman), Almira Sessions (a senhora), Eugene Borden (o chefe).

**Produção:** MGM / **Produtor:** Arthur Freed / **Cópia:** Digital, cor, legendada electronicamente em português, 101 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 1 de Setembro de 1955 / **Estreia em Portugal:** Cinema S. Luís, em 11 de Fevereiro de 1956.

---

*"Most friendship is faining, most loving mere folly"*

Shakespeare, "As You Like It", II Acto, Cena 7.

Citação de Cyd Charisse corrigida por Gene Kelly,

**It's Always Fair Weather** – o mais fabulosamente triste dos musicais de Donen e Kelly – é o fecho de uma das mais portentosas trilogias do musical americano, começada em **On the Town** e prosseguida em **Singin' in the Rain**. O denominador comum dessa trilogia está na realização e coreografia de que são co-autores Stanley Donen e Gene Kelly. E não se trata apenas de uma questão de assinatura. Para além dos três filmes assentarem na mesma estrutura (a do "integrated dance musical"), reparar-se-á que **It's Always...** funciona como um receptáculo dos temas dos outros dois: o trio de marinheiros de **On The Town** tem o competente paralelo nos três protagonistas masculinos daquele, enquanto a abordagem dos "media" iniciada por **Singin' in The Rain** dá agora lugar a uma pertinente incursão pelos territórios televisivos.

Mas esta não é a única trilogia possível. **It's Always Fair Weather** completa também o ciclo de compreensão dos "media" e do espectáculo que Betty Comden e Adolph Green (essa gloriosa dupla de argumentistas e autores de canções) começaram no **Singin' in the Rain**, cujo alvo era a Hollywood da transição do mudo para o sonoro, e prolongaram em **Band Wagon**, fora dos

domínios de Kelly e Donen, numa infinitamente bonita digressão pelos bastidores da Broadway. Repito: **It's Always Fair Weather** é uma áspera, inovadora e muito premonitória abordagem do "medium" televisivo.

Poderia prolongar este tipo de combinações "ad infinitum". Bastaria recorrer ao papel de Arthur Freed, o produtor; fixar o lugar deste filme num mini-ciclo de Cyd Charisse; comparar este "Kelly com Donen" aos "Kellys sem ele". Julgo, todavia, que as supracitadas pistas são as que melhor explicam (ou implicam) a enorme importância de **It's Always Fair Weather** na evolução do musical americano. A saber, a de um filme terminal.

Seja qual for a trilogia que se considere, tem que se reconhecer que **It's Always Fair Weather** é o vértice amargo de qualquer uma delas. Vértice amargo da camaradagem (vão longe os tempos heróicos de **On The Town**, ou ainda mais os de **Take Me Out to the Ball Game** e **Anchors Aweigh**), vértice amargo da crítica dos "media". De facto, poucos filmes se poderão gabar como este de ser o fim de alguma coisa, seja uma época, um género ou um estilo. Depois de 1955, os musicais americanos são "outra coisa". **Silk Stockings** e **Funny Face** desajustam-se escandalosamente da minha pretensa regra? Mas afinal, que regra não aceita com bons olhos o escândalo de duas ou três excepções? A verdade é que, depois de 1955 e de **It's Always...**, o musical não podia regressar à inocência de outrora, fosse por imperativos de "consciência" (estavam ultrapassados os tempos de simultâneo "escapismo" e "empenhamento" determinados pela conjuntura da II Guerra), fosse por imperativos orçamentais, de que a restrição sentida neste caso pelo "tandem" Donen-Kelly é um bom exemplo. Nada podia ficar como dantes.

A própria história do filme, a história dos três camaradas de armas, é aliás um simbólico ponto de situação do género. O reencontro, dez anos depois do fim da guerra, no Tim's Bar, só origina decepção, rancor e auto-punição nos personagens. Se o percurso dos soldados é singularmente circular (circularidade sublinhada pelos altíssimos movimentos de grua que se repetem, sublimes e tristes, para com subida honra filmarem o "Time for Parting", no fim do prólogo e no fim do filme), também é verdade que nenhuma dúvida subsiste quanto à impossibilidade de perfeição do círculo: o mesquinho aburguesamento, as úlceras, o esquecimento, mostram que já nada pode voltar a ser como dantes e o reencontro converte-se no mais rude e sombrio dos convívios.

O prólogo introduz os personagens e justifica a sua camaradagem. Gene Kelly, Dan Dailey (em vez de Jules Munshin que a MGM recusou) e Michael Kidd (em vez de Frank Sinatra que não aceitou o papel) são os heróis de uma montagem impressionante de cenas da guerra, cheia de encadeados e sobreposições, com a usual iconografia de bandeiras, explosões e trincheiras. Nada de novo? Nada de novo! "raccord" com o Tim's Bar e réplica particularmente insidiosa de Tim: "*Aren't you people going to grow up?*". Por um momento parece que não, que estes tipos não "cresceram" e que, com o mais ingénuo optimismo vão outra vez repetir o **On the Town**: de bar em bar até ao espectacular número com as tampas dos caixotes de lixo, com um ritmo invulgar e com uma eficiente multiplicação dos pontos de vista da câmara. E, de repente, esse tom do "cá estamos outra vez **On The Town**" morre às mãos da majestosa grua do "Time for Parting". O prólogo de **It's Always Fair Weather** é o resumo e síntese de **On the Town**. O filme começa de facto onde o outro acabava, mais maduro, mais cínico, com muito mais "má consciência": o que estes tipos não "cresceram".

Por comodidade metodológica, dividindo o resto do filme em duas partes, muito embora ambas façam parte de um único movimento circular – um dia em Nova Iorque partindo do Tim's Bar e voltando ao mesmo sítio – semelhante ao que se desenhava no prólogo. Na primeira parte, desenvolve-se o tema da camaradagem frustrada e dúplice dos ex-soldados, e eu não me consigo recordar de uma só sequência dos filmes de Donen e Kelly que seja tão desapiedada e sarcástica quanto a desse almoço ao som do "Danúbio Azul", com os "altar egos" dos personagens a trautearem o corrosivo "I shouldn't have come, dum-dum dum-dum... can these be the guys I once thought I could never live without?".

E entra Cyd Charisse. Glacial, sedutora e pessimista. O modo como "ataca" Gene Kelly, o espantoso beijo com que o cilindra, são coisas que deixam em cacos a já semi-destroçada personagem. Mais tarde, saia e blusa em tons de verde, a entrada dela no ginásio abala o masculinizado e másculo universo do boxe, com a "agressividade" dela a subir em espiral, terminando apoteótica em "Baby, You Knocked Me Out". E um dos momentos do filme em que ocorre falar de perfectibilidade, sendo imperdoável que tão pouco tivesse sido podido a Charisse – e viu-se como ela era capaz de dar mesmo o que não lhe tinha sido pedido – tendo mesmo sido cortado na montagem o dueto romântico "Love is Nothing but a Racket" em que ela dançava com Kelly.

Seria crime de lesa majestade não fazer referência ao facto desta primeira parte ter o seu eixo na música e na dança. Assim, "Once I Had a Friend" é o primeiro ponto de viragem dos três amigos, com a nostalgia a subir de tom, e é um número extremamente inovador na divisão do écran em três secções, no que é uma excelente utilização do cinemascope. "Situation Wise" é um número brilhante na conjugação da dança e do burlesco - uma monumental interpretação de Dan Dailey, só comparável ao fabuloso "Make' Em Laugh" de Donald O'Connor em **Singin' in the Rain**. "I Like Myself" é a veemente afirmação de si próprio feita por Kelly: número profundamente narcísico e, ao mesmo tempo, profundamente lírico, não é só o doce reencontro de Kelly com o seu "happy-self", mas também uma prodigiosa coreografia, com um controle minimal do arranque e paragem de cada movimente e uma modelar integração das "figuras" no cenário.

A segunda parte de **It's Always...** é a verrinosa sátira à televisão e aos seus concursos. Donen e Kelly demonstraram uma compreensão do "medium" tão avançada que o devastador ataque parecia ao tempo impertinente, só muito mais tarde (quando o "meio" começou a ser entendido como a "mensagem") se revelando todo o seu alcance. E não é apenas um ataque: as virtualidades da televisão para a filmagem do "vivo", patente em toda a sequência, tornar-se-iam um emblema da televisão americana. "Et pour cause..."

**It's Always Fair Weather** foi o último encontro de Donen e Kelly marcado pela tensão entre os dois homens, com as velhas relações de amizade muito azedadas e o inchadíssimo "ego" de cada um podia nesse conflito. Até nisso este filme é de uma sinceridade e de uma auto-exposição únicas e roçando a crueldade. Longe ia o tempo da gentileza, da amabilidade e do "escapismo optimista". Poucas vezes um "musical" terá sido tão feito ao ritmo do coração, já meio-ferido...

M. S. Fonseca